



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

DOI: <http://doi.org/10.20873/EXTAMAP>

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PÓS-GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

UNIVERSITY EXTENSION AND POS GRADUATION PROGRAMS AT
THE FEDERAL UNIVERSITY OF AMAPÁ

EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y POSGRADO EN LA
UNIVERSIDAD FEDERAL DE AMAPÁ

Marília Gabriela Silva Lobato¹

Airton Cardoso Cançado²

Waldecy Rodrigues³

Raylan Miranda Cortez⁴

Recebido 09/07/2024	Aprovado 11/08/2024	Publicado 30/08/2024
------------------------	------------------------	-------------------------

RESUMO: A extensão universitária no âmbito das pós-graduações na Universidade Federal do Amapá vem se consolidando com ênfase na articulação entre o ensino e a pesquisa, a partir de engajamento coletivo para criar condições de enfrentamento às desigualdades sociais. Nessa conjuntura, enquanto objetivo da pesquisa, analisamos o processo de implantação de ações extensionistas de um programa de pós-graduação da UNIFAP, em contexto com a realidade social de comunidades tradicionais no sul do estado do Amapá. Durante o período de dois anos, os trabalhos envolveram o diálogo com as comunidades e a implantação de metodologias exitosas nos processos de aprendizagem. As práticas de extensão universitária, nesta pesquisa,

¹Doutora em Desenvolvimento Socioambiental, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA). Professora da Universidade Federal do Amapá. mariliaunifap@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3613-7100>.

²Doutor em Administração, Universidade Federal de Lavras (UFLA). Professor da Universidade Federal do Tocantins. airtoncardoso@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4698-1804>.

³Doutorado em Sociologia pelo Centro de Estudos Comparados sobre as Américas (UnB). Professor da Universidade Federal do Tocantins. waldecy@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5584-6586>.

⁴Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável (PPGDAS/UNIFAP). rayllancortez16@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7539-6994>



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

possibilitaram criar alternativas de processos de aprendizagem transformadores, dissonantes de metodologias conservadoras e tradicionais. O foco na intervenção social, desenvolveu o interesse de alunos para participar de iniciação científica e continuar na pós-graduação, a partir de um processo de tomada de consciência da realidade sócio-histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária; UNIFAP; Comunidades; Aprendizagem.

ABSTRACT: University extension within the scope of postgraduate programs of the Federal University of Amapá has been consolidated with emphasis on the articulation between teaching and research, through collective engagement to create conditions for coping with social inequalities. At this juncture, we analyzed extension practices within the scope of a UNIFAP postgraduate program, in the context of the social reality of traditional communities in the southern region of the state of Amapá. During the two-year period, the work involved engaging in dialogue with communities and implementing successful methodologies in the learning processes. The university extension practices in this study facilitated the creation of alternative transformative learning processes, divergent from conservative and traditional methodologies. The focus on social intervention fostered students' interest in engaging in scientific research and pursuing graduate students, stemming from a process of awareness of socio-historical realities.

KEYWORDS: University Extension; UNIFAP; Communities; Learning.

RESUMEN: La extensión universitaria en el ámbito de los posgrados de la Universidad Federal de Amapá se ha consolidado, con un énfasis particular en la articulación entre la enseñanza y la investigación, mediante un esfuerzo colectivo orientado a crear condiciones para combatir las desigualdades sociales. En este contexto, el objetivo de esta investigación es analizar el proceso de implementación de acciones extensionistas de un programa de posgrado de la UNIFAP, en el contexto de la realidad social de las comunidades tradicionales del sur de Amapá. Durante dos años, los trabajos se han desarrollado a través del diálogo con las comunidades y la implementación de metodologías exitosas en los procesos de aprendizaje. Las prácticas de extensión universitaria, en el marco de esta investigación, han permitido la creación de alternativas de procesos de aprendizaje transformadores, distintos de las metodologías conservadoras y tradicionales. El enfoque en la intervención social ha generado un mayor interés en los estudiantes por la investigación y ha fomentado su avance hacia estudios de posgrado, como



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

resultado de un proceso de toma de conciencia de la realidad socio-histórica.

PALABRAS CLAVE: Extensión Universitaria; UNIFAP; Comunidades; Aprendiendo.

INTRODUÇÃO

A atividade de extensão no âmbito das pós-graduações vem se estruturando em um cenário de aprofundamento dos desafios da Educação Superior, em especial diante das desigualdades sociais que marginalizam e interferem diretamente no acesso e permanência de discentes nas universidades, bem como na relação com as demandas sociais.

O desenvolvimento das ações extensionistas, sob a perspectiva deste trabalho, deve considerar tais desafios e enfrentá-los diante de um compromisso social entre instituições de ensino, sociedade em geral e poder público. O engajamento necessário para propor transformação social, em contexto da extensão universitária, pode ser estruturado dentro de um processo coeso que envolve o tripé universitário e os sujeitos sociais diretamente envolvidos.

As demandas sociais deveriam ser objeto de integração entre ensino, pesquisa e extensão, de modo consolidado e permanente, e não como ações temporárias (Santos Júnior, 2013; Botomé, 1996). As práticas extensionistas fragmentadas e dissociadas de ensino e pesquisa não se sustentam diante da complexidade das assimetrias regionais existentes. No contexto da extensão, é importante destacar que qualquer campo de abordagem, em que haverá intervenção, requer um processo de problematização e de tomada de consciência da realidade, que precisa se refletir em uma ação transformadora (Freire, 1983).

Nessa dinâmica, o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

da Amazônia Sustentável (PPGDAS) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) vem executando, com base no planejamento estratégico, ações extensionistas na Amazônia amapaense, contando com a participação de comunidades tradicionais do sul do Amapá, discentes da graduação e pós-graduação, além de docentes do PPGDAS. Esse envolvimento requer uma perspectiva crítica enunciativa com ênfase no modo de vida, realidade do lugar e, principalmente, troca de saberes entre a universidade e as comunidades envolvidas.

A extensão universitária pode ser concretizada dentro de um processo recíproco de construção do conhecimento, em que os agentes principais sejam discentes e comunidades. Nesse caso, docentes e servidores técnicos seriam sujeitos responsáveis pela interação, no intuito de pensar mecanismos de intervenção na sociedade que tenham vínculo direto com as demandas sociais, assim como auxiliar no processo de aprendizagem dos discentes. A concepção de universidade que propomos neste trabalho, corrobora as análises de Gadotti (2017), a partir da necessidade de implantar ações extensionistas enquanto mecanismos de cooperação e diálogo entre os sujeitos produtores de conhecimento científico e sociedade.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de implantação de ações extensionistas de um projeto⁵ que envolve o PPGDAS da UNIFAP. Os sujeitos partícipes foram discentes da graduação e pós-graduação, docentes e produtores agrícolas e agroextrativistas do sul do Amapá. A linha temporal da análise do estudo foi um período de dois anos, entre junho de 2022 a junho de 2024. A localidade em que se concentraram as atividades foi a Reserva Agroextrativista do rio Cajari⁶, município de Laranjal do Jari, estado do

5 Projeto de extensão: Produção Familiar em rede nas Amazonas: soberania, resistência e luta, institucionalizado na Universidade Federal do Amapá.

6 A RESEX do Rio Cajari, foi criada em 1990 nas terras ocupadas pelo Projeto Jari, por meio do Decreto no 99.145 de 12 de março de 1990. A Reserva está vinculada à administração ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Existem ainda as associações dos moradores/extrativistas



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Amapá.

Uma das técnicas de pesquisa que auxiliou no registro das informações foi o diário de campo. Durante esse período 52 produtores familiares narraram o cotidiano que vivenciam. O diário de campo é utilizado, então, para detalhar as observações diante de uma realidade complexa, considerando narrativas da comunidade e as interpretações do observador (Malinowski, 1997). Os registros fotográficos das pesquisas de campo, expressaram as dificuldades de acessar os territórios agroextrativistas e representaram importantes instrumentos para que os discentes que participaram da atividade extensionista expusessem aos demais participantes do projeto, durante os cursos de formação, a condição socioeconômica identificada na Reserva rio Cajari.

A INTEGRAÇÃO ENTRE COMUNIDADES LOCAIS E EXTENSÃO COM A PÓS-GRADUAÇÃO NA AMAZÔNIA AMAPAENSE

Até o início do século XXI havia uma percepção de extensão universitária dissociada do processo de democratização do ensino superior, na qual cursos de curta duração eram comumente utilizados dentro de um paradigma educacional fragmentado (Gadotti, 2017). Atualmente, a partir das políticas educacionais voltadas para a consolidação do tripé universitário ensino-pesquisa-extensão, estimulam-se mecanismos exitosos de aprendizagem, com uma variedade de modalidades de práticas de extensão universitária, como: programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação

que vivem na Reserva, entre as quais destacamos a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Cajari (ASTEX-CA), a Cooperativa Mista dos Extrativistas do Alto Cajari (COOPERALCA), a Cooperativa Mista Extrativista Vegetal dos Agricultores do Laranjal do Jari (COMAJA) e a Associação de Mulheres Agroextrativista do Alto Cajari (AMAC).



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

de serviço (Brasil, 2018).

Dessa maneira, diante das diferentes possibilidades de implantação de ações extensionistas, dever-se-ia priorizar a construção do conhecimento em um constante exercício de comunicação com a sociedade, no sentido de pensar a extensão como um projeto educativo. Projeto este em que a transformação social fosse articulada a partir da crítica constante à realidade social, sendo este um elemento primário no ensino, em consonância com as diferentes experiências educacionais (Freire, 1983).

Com essa abordagem freiriana, muitas atividades de extensão da UNIFAP concentram suas intervenções na região metropolitana devido às dificuldades de deslocamento aos territórios mais distantes. Entretanto, essa concentração de ações causou uma significativa lacuna em territórios distantes de centros urbanos, em que a reprodução de vida está diretamente relacionada às práticas agrícolas e agroextrativistas.

Nos municípios mais distantes, as assimetrias regionais destacam-se de maneira contundente na economia, saúde, meio ambiente e nas políticas que são pensadas para criar condições de desenvolvimento. A extensão universitária, nesse cenário, foi primordial para que a educação formal, estruturada na universidade, fosse desconstruída dentro de um contexto de diálogo com as comunidades tradicionais, para que se reconstrua em outras bases.

A região Sul do Amapá, por exemplo, espacialidade geográfica desta pesquisa, que compreende os municípios de Mazagão, Vitória do Jari e Laranjal do Jari – município de localização da Reserva do rio Cajari) – é uma das mais antigas frentes de ocupação do estado do Amapá. Tais municípios foram integrados ao projeto a partir da manifestação de interesse dos



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

comunitários partícipes do projeto Produção familiar em rede nas Amazônias: soberania, resistência e luta.

Essa região equivale a 39.912,11 km², e está legalmente protegida por unidades de uso especial. Esse espaço abriga uma população de 69.402 habitantes, representando cerca de 10,36% da população estadual. O Censo de 2010 mostrou que aproximadamente 12.924 indivíduos dessa região residem em áreas rurais, e dedicam-se às atividades extrativistas e à agricultura de corte e queima, constituindo unidades de produção familiar (IBGE, 2022).

O referido projeto de extensão, nesse território, previa a construção de conhecimento e processos de aprendizagem, com ênfase na integração entre discentes da graduação e pós-graduação e comunidades tradicionais. Dessa forma, para este trabalho, destacaram-se as intervenções na Reserva Agroextrativista do rio Cajari, território de famílias em que a ocupação corresponde a mais de cem anos, cujo modo de vida está atrelado ao agroextrativismo da castanha do Brasil e a práticas agrícolas, como fonte de renda primária de sobrevivência.

Os sistemas produtivos da Reserva Cajari destacam-se pelas importantes atividades para a economia do estado, resultando, em certo grau, em uma maior independência de milhares de famílias, quando comparados a outros grupos agroextrativistas. Na reserva, os agricultores familiares e populações tradicionais apresentam, como meios de subsistência e economia, atividades ligadas à produção agrícola (agricultura de corte e queima) e pequena criação de animais, ao agroextrativismo (Filocreão, 1992). A Reserva está dividida em Alto, Médio e Baixo Cajari. O extrativismo em castanhais ocorre frequentemente no Alto Cajari, enquanto na parte baixa é mais evidente o extrativismo do açaí.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

As famílias que trabalham com a produção rural nesses territórios se organizaram em associações e cooperativas, visando estruturar uma dinâmica de produção, comercialização e exportação de seus produtos de maneira sustentável e que potencialize a qualidade de suas vidas (Ribeiro; Filocreão, 2013). O apoio do poder público a partir de políticas para o fortalecimento da agricultura familiar ainda é esperado pelos comunitários, em virtude da conjuntura de vulnerabilidade presente nesses territórios.

Nesse cenário de diversidade social, econômica, cultural e política, construíram-se diálogos com as comunidades tradicionais, associados com processos de aprendizagem, a partir de práticas exitosas a envolver epistemologias decoloniais para observar a realidade social. A integração entre a universidade e sociedade foi pensada de maneira processual, na qual as mudanças sociais requeridas pelos comunitários fossem valorizadas no âmbito do ensino e da pesquisa.

Esse processo integrador ocorreu por intermédio de uma metodologia participativa, na qual os comunitários relataram suas histórias de vida, os desafios e potencialidades no seu cotidiano, conforme a figura 1. A partir desses diálogos, o estabelecimento de estratégias que pudessem gerar impacto social foi pensado de modo a enfatizar a problematização da dinâmica estrutural e conjuntural inerente ao cotidiano dos agroextrativistas. Concordamos com Freire (1983) que uma percepção parcializada da realidade, durante o convívio com as comunidades, subtrai do sujeito a possibilidade de uma ação mais efetiva.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024



Figura 1: Roda de conversa com agroextrativistas da Associação de Mulheres da Reserva do rio Cajari. Créditos Thayze Barreto. 29.10.2023.

Para ampliar a percepção durante o convívio na Reserva, discentes do projeto e agroextrativistas da comunidade Água Branca do Cajari, dialogaram sobre estratégias de organização social e enfrentamento de dificuldades socioeconômicas vivenciadas no período da coleta da castanha (Figura 1). Para explorar a realidade social a partir dos discursos dos comunitários, os discentes foram convidados a acompanhar um dia na vida de uma agroextrativista de castanha na reserva Cajari (Figura 2; Figura 3).



Figura 2: Travessia da Comunidade Santarém, em Água Branca do Cajari, em deslocamento a um castanhal. Créditos: Raylan Cortez. 29.03.2024.



Figura 3: Caminho da rota da castanha em Água Branca, comunidade Santarém. Créditos: Elane Lima. (29 de março de 2024).

Na Reserva Cajari (Figura 3), o acesso requereu 5 horas de trajeto na rodovia, seguido de deslocamento de barco para atravessar o rio até chegar à comunidade Santarém e, em seguida, mais duas horas de caminhada para encontrar o primeiro ponto de quebra da castanha. Os diários de campo foram primordiais para o registro de informações detalhadas sobre as principais dificuldades destacadas pelos comunitários, como: entraves no escoamento de produção; ausência de infraestrutura para acesso aos castanhais; beneficiamento insuficiente do produto; e reduzido apoio público para exportação.

No dia 30 de novembro de 2023, por exemplo, os registros da comunidade Santarém, na Reserva Cajari, demonstraram que havia uma rotina sistemática de trabalho com a plantação de Acará, macaxeira e mandioca – essa última, utilizada na produção de farinha. A venda da farinha ocorre na própria comunidade e ocasionalmente em feiras no município de Laranjal do Jari.

Além disso, observou-se relatos de dependência da comunidade em relação à castanha e dificuldades enfrentadas, como a desvalorização do preço



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

do produto e a falta de infraestrutura, saneamento básico e tratamento adequado da água. Por exemplo, a comunidade Santarém não possui água tratada adequadamente e enfrenta dificuldades com a construção de banheiros e fossas sépticas.

A coleta e transporte da castanha são feitos manualmente e, além disso, o preço de venda é imposto por compradores externos, ressaltando a necessidade de uma organização social de enfrentamento para melhorar a autonomia econômica da comunidade. A falta de infraestrutura também foi mencionada como um obstáculo significativo para o escoamento dos produtos agroextrativistas, especialmente durante o período intenso das chuvas.

O conhecimento construído, nesse processo de diálogo, destacou que as análises científicas sobre dados quantitativos relacionados à produção familiar a partir de indicadores oficiais, representam impacto reduzido na realidade social dos agroextrativistas, quando não há integração com o território. Pensar soluções concretas à condição vivenciada requer um paradigma que não subordine as comunidades a projetos que desvalorizem a cultura e o saber do lugar (Lobato, 2021). Práticas extensionistas dissonantes ao modo de produção capitalista, como é o caso da Reserva Cajari, devem visibilizar o modo de vida, cultura e atividades econômicas do território.

Essas dimensões estruturais foram registradas nos diários de campo para sistematizar os diálogos com as comunidades tradicionais e os questionamentos dos discentes sobre categorias de análises relacionadas às pesquisas da graduação e pós-graduação. Alunos de iniciação científica, por exemplo, iniciaram uma pesquisa sobre as potencialidades socioeconômicas da cadeia produtiva da castanha do Brasil. Discentes da pós-graduação averiguam as políticas públicas vinculadas ao fortalecimento de comunidades campesinas do Sul do Amapá.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Nessa conjuntura, não foi estabelecida a construção do conhecimento na perspectiva do ensino formal, em sala de aula. O processo de aprendizagem pensado no projeto de extensão Produção familiar, tendo como referência a racionalidade freiriana (Freire, 1983), partiu dos desafios da realidade social, com ênfase em narrativas da população do lugar, para articular, com o campo científico, compreensões acerca dos problemas identificados, bem como a construção de soluções.

O PROCESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A RELAÇÃO COM O ENSINO E A PESQUISA

O processo de extensão universitária desenvolvido no PPGDAS da UNIFAP apresenta foco no impacto social, ambiental, cultural e econômico na Amazônia amapaense. A perspectiva é implantar um projeto educacional que apresente articulações em rede, em escalas locais, regionais e nacionais, a partir dos quais possam ser construídos mecanismos para diagnosticar e analisar uma diversidade de realidades sociais que envolvem agricultores familiares e agroextrativistas na Reserva Cajari e demais comunidades amazônico-amapaenses.

Nesses territórios, o potencial econômico e sustentável das práticas de manejo florestal em diferentes sistemas produtivos locais estão sendo analisados nas pesquisas de alunos de graduação e pós-graduação, a partir de dimensões relacionadas a planejamento territorial, quintais produtivos, cadeias produtivas, entre outros. Entretanto, há muitos desafios a serem superados para que a maior parte das pesquisas científicas surjam das demandas sociais.

O desenvolvimento de ensino e pesquisa orientado às demandas sociais foi planejado invertendo o padrão estruturado na sala de aula convencional.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

Nesse caso, o processo de aprendizagem não se inicia no ambiente acadêmico. Na realidade, os resultados das atividades extensionistas foram primordiais para estabelecer as categorias de análises que seriam abordadas na pesquisa e, conseqüentemente, indicadas em planos de ensino da graduação e pós-graduação.

Em vista da compreensão desses desafios, a construção do diálogo com a comunidade ocorreu em uma linguagem não acadêmica e inclusiva. Para tanto, foram estruturados inicialmente cursos de formação, a tematizar aprendizagens não formais, para discentes da graduação e pós-graduação, que tiveram como objetivo promover a reflexão sobre a redução de assimetrias regionais, o desenvolvimento de sistemas produtivos locais e soberania alimentar, a partir da história de vida das comunidades do lugar.

Durante o processo formativo dos discentes, na dimensão extensão, o debate permaneceu em torno de epistemologias decoloniais, que permitiram uma análise em relação às desigualdades sociais, que se fazem materialmente presentes, não se restringindo a abordagens maniqueístas ou que se reduzem às questões assistencialistas. Tais epistemologias “[...] representam forte crítica aos modelos de desenvolvimento econômico que subjagam comunidades e saberes diante do avanço do capital” (Lobato, 2021, p. 52).

As discussões em grupo foram pautadas tendo por finalidade compreender as diferenças relacionadas à economia de comunidades tradicionais, nos mesmos moldes de Escobar (2007), e pensar/construir modelos alternativos ao modo de produção expropriante que o capitalismo impõe.

Tivemos o cuidado de deixar os discentes livres para refletir e debater em torno dos temas propostos durante as sessões de estudo⁷. Também foram

⁷ Os grupos de estudos são permanentes e ocorrem com uma frequência de, no mínimo, uma vez ao mês. Quando o discente apresenta comportamentos



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

convidados a apresentar esses debates sob a forma de componentes curriculares de cunho interdisciplinar. Nesses termos, podemos afirmar que o processo de aprendizagem e avaliação dentro dos padrões requeridos pelo sistema de ensino conservador, não foram o mote principal dos temas abordados, pois não se buscou quantificar níveis de aprendizagem ou homogeneizar avaliações. Nossa finalidade, como em Freire (1983), foi explorar capacidades de aprender dos sujeitos e potencializá-las com base nas experiências diárias, durante o ensino em sala de aula, nas atividades de pesquisa universitária e, principalmente, durante as ações extensionistas.

Embora o padrão normativo exija curricularização da extensão universitária (Brasil, 2008), muitas instituições ainda estão marcadas por um ensino voltado à lógica produtivista, que resulta de uma concepção neoliberal e, atualmente, eivada de ultraliberalismo (Oliveira, 2008). Ao nosso ponto de vista, trata-se de uma expressão da racionalidade colonial, que representa um modelo dominante de ensino, que engessa os processos de aprendizagem e a crítica à condição social.

Nesse contexto, a perspectiva educacional pensada para conceber as práticas de extensão do projeto Produção Familiar em rede nas Amazônia: soberania, resistência e luta, foi implementada visando a desconstrução desse ideário conservador de ensino. Alguns eixos principais foram: a) necessidade de integração; b) diálogo com as comunidades, c) processos de formação com discentes, d) ensino voltado à transformação social, e) propostas de soluções às demandas sociais identificadas.

No que tange ao eixo necessidade de integração, consideramos que as práticas extensionistas envolveram a relação de discentes do Cursos de Pós-Graduação em Geografia, do PPGDAS e das graduações em Tecnologia

atípicos ou qualquer limitação de aprendizagem novas metodologias de ensino são organizadas e direcionadas a cada discente.



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

em Secretariado, Ciências Sociais, Relações Internacionais, bem como, outras instituições, como a Universidade Federal do Pará.

Destacaram-se os caminhos para pensar o modo de vida de comunidades tradicionais, cultura, desenvolvimento, sistemas produtivos e sustentabilidade em uma dinâmica coletiva de ação, uma vez que estratégias pontuais e fragmentadas não se sustentam enquanto ações extensionistas.

Quanto ao eixo diálogo com as comunidades, consideramos que este se estruturou a partir do destaque dado à luta dos sujeitos agroextrativistas e às histórias de vida de cada grupamento familiar dentro de nossa prática de metodologia participativa, assumida durante as atividades realizadas no âmbito do referido projeto.

O eixo processos de formação com discentes ocorreu por meio da sistematização de cursos de capacitação, grupos de estudos permanentes, em consonância com o eixo ensino voltado à transformação social. Durante aulas regulares, componentes como Metodologia da Pesquisa, Ecologia Política, Agroecologia; entre outros, traziam em seus planos de ensino conteúdos que potencializaram práticas exitosas de aprendizagem.

A esse respeito, no diálogo com os discentes, foi abordada a relação entre o objeto de estudo e as experiências vivenciadas durante as intervenções. Para a construção das bases teóricas das pesquisas, os discentes concentraram-se em compreender a realidade social a partir do diálogo com os sujeitos das comunidades e, somente após esse processo, relacionavam os objetos com as epistemologias.

Por fim, o eixo propostas de soluções às demandas identificadas foi representado pelo interesse de discentes e docentes que estão vinculados à extensão, principalmente porque podem expressar a consciência do grupo em estabelecer ações que não sejam impostas às comunidades, mas que partam



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

delas. Algumas inquietações identificadas retrataram os desafios para a infraestrutura e as políticas para a consolidação da soberania alimentar dessas comunidades.

Embora este artigo represente ações extensionistas que ainda estão em andamento, e cujas propostas estão em elaboração, espera-se articular com os grupos de pesquisa, representantes do poder público e sociedade os mecanismos necessários para estruturar um conselho comunitário, que seja pensado “pelos” e “para” os agroextrativistas da Reserva Cajari.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão universitária, enquanto instrumento para pensar e agir em favor da redução das desigualdades sociais, representa uma estratégia política de ação, que toda comunidade acadêmica pode utilizar para integrar o ensino e a pesquisa no âmbito da universidade. Agir em favor da sociedade visando mudanças concretas representa uma racionalidade de enfrentamento aos padrões normativos usuais que regem as instituições de ensino superior.

O projeto que subsidiou a produção deste artigo concebeu a extensão universitária no âmbito da pós-graduação da UNIFAP como um mecanismo de resistência à lógica de mercado e, especificamente, como ferramenta de construção de ações de superação aos projetos fragmentados que ainda sustentam a curricularização universitária.

Sendo assim, o compartilhamento de saberes, pautados em uma visão de solidariedade e sustentabilidade da sociedade surgiu como um norte para as práticas extensionistas. Foram destacados processos de enfrentamento ao pensamento colonial que permeia as estruturas de ensino. É cada vez mais urgente integrar a extensão universitária aos planos de ensino de componentes



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

curriculares interdisciplinares, para incluir na abordagem teórica de sala de aula as experiências concretas da sociedade.

A extensão universitária, principalmente em comunidades tradicionais distantes dos centros urbanos, requer ênfase na transformação da realidade social, potencializando a aprendizagem dos estudantes a partir da intervenção na sociedade. A forma de pensar a educação, dentro de padrões tradicionalistas, como a do ensino somente em sala de aula, representa uma maneira reducionista de construir metodologias exitosas de aprendizagem. O ensino em sala de aula é uma das variáveis que auxiliam na aprendizagem, entretanto, a construção do saber e do conhecimento nunca foi exclusiva das universidades. A integração do tripé universitário requer novas epistemologias, que partam da necessidade de valorizar o território em que a comunidade interna e externa da universidade está circunscrita.

REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante**: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis: Vozes; São Carlos: UFSCAR; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BRASIL, **Resolução n. 07 de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira [...]. Ministério da Educação. Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/laranjal-do-jari/pesquisa/23/24304>. Acesso em janeiro de 2024.

FILOCREÃO, Antônio Sérgio Monteiro. **Extrativismo e capitalismo: a manutenção, funcionamento e reprodução da economia extrativista do sul**



ISSN nº 2595-7341 Vol. 7, n. 2, Mai-Ago., 2024

do Amapá. 1992. 234f. (Dissertação de Mestrado em Economia Rural e Regional), Programa de Pós-graduação em Economia Rural e Regional, Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba – Campus II - Campina Grande - Paraíba - Brasil, 1992.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

LOBATO, Marília Gabriela Silva Lobato. **Mitigação em compensação na reprodução de um padrão colonial:** o contexto dos discursos, planos e danos das hidrelétricas no rio Araguari, Amapá. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo.** Tradução Cecília Cavalcante. Editora Record: Rio de Janeiro, 1997.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa de. A avaliação neoliberal na universidade e a responsabilidade social dos pesquisadores. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 6, n. 03, p. 379-387, 2008.

RIBEIRO, Karina Nymara Brito; FILOCREÃO, Antonio Sérgio Monteiro. Desafios na Amazônia Brasileira: a organização de mulheres na Reserva Extrativista no Rio Cajari no Amapá. *In*: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA – ALAS, 19, 2013. Chile-Santiago. **Anais [...]**. Chile: FACSO, 2013.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **A extensão Universitária e os entre-laçoes de saberes.** (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Salvador, 2023